

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 9.

AGRICULTURA (*).

Olhe-se a questão dos melhoramentos agrícolas por onde se olhar, o resultado é sempre o mesmo, quando se trata da sua applicação ao nosso Paiz.

Não é, por tanto, a uma transformação subita que se deve aspirar na nossa agricultura: para isso fôra mister, que taes melhoramentos podessem ser praticados *à priori* e methodicamente pela mor parte dos proprietarios, e não isoladamente por um ou outro particular; e fôra mister tambem, que o agricultor, não só se achasse preparado com a conveniente *instrucção professional* — condição essencial para o aperfeiçoamento agrícola, e em geral para o progresso industrial, — mas que demais disso não tivesse que contemporizar com os habitos e praticas locaes, possuisse o cabedal necessario, e contasse, com maior ou menor probabilidade, dar sahida aos seus productos, — o que temos por summamente difficil, por não dizer impossivel, n'um Paiz onde as artes devem considerar-se como não existentes, e onde fraca extracção podem ter certas plantas, que só na industria fabril teem applicação em mais larga escala.

À vista, pois, de tudo quanto havemos ponderado, quer-nos parecer que nossos agricultores obrariam melhor em continuar, por em quanto, com o systema agrícola das suas respectivas localidades, no qual muitos me-

lhoramentos ha que desde já podem começar a executar, e em cujo aperfeiçoamento gradual não teem pouco com que se entreter.

Mas seguir-so-ha dahi talvez, que as doutrinas agronomicas fiquem sendo de menos interesse para o grande e pequeno proprietario do nosso Districto? Não serão ellas de summa vantagem para uns e outros, qualquer que seja o systema de cultura do Paiz? Durante mesmo a pratica dos pousios, não serão esses conhecimentos duplicadamente uteis ao agricultor, — em quanto o instruem e guiam na adopção lenta dos melhoramentos, que as circumstancias lhe vão permittindo pôr em execução, — e em quanto o amestram e dispoem para uma serie de aperfeiçoamentos mais complicados, quaes os inherentes á cultura alterna?

A nossos leitores por certo não é estranho, que a sciencia agrícola tem por objecto indagar os meios de conseguir os productos vegetaes, com a maior perfeição e economia. E, na realidade, se a agricultura, na ordem de sciencia technologica, averigua e indica as diversas vias e expedientes, que tendem a modificar a natureza vegetal para um fim de utilidade, é evidente que ella não deve considerar-se independente do *principio economico*; indispensavel para avaliar as

(*). Veja-se a pag. 113 deste Journal.

vantagens ou desvantagens relativas dos diferentes methodos, e decidir qual destes, em determinada Povoação e circumstancias, melhor poderá contribuir para que o primeiro ramo de industria se converta em inesgotavel fonte de riquezas.

Em verdade, a economia d'agricultura, ou a *administração rural* propriamente dita, constitue presentemente uma das bases mais essenciaes da agronomia: a sua importancia é incalculavel, quer se trate da escolha e realisação d'algum novo systema de exploração adequado ás circumstancias de uma localidade dada, quer se recorra ás suas indicações a fim de tirar todo o partido das praticas e processos de ha muito introduzidos, apreciar beneficios, verificar prejuizos, e evitar perdas; o que é impraticavel, na ausencia de uma administração severa, methodica e regular, e sem tal ou qual noticia das regras economicas, na sua especial relação com a industria agricola.

Assim, por exemplo, as combinações alternas são em these o typo dos aperfeiçoamentos agronomicos, como vimos: não obstante porém, occasiões ha em que o descanço periodico dos terrenos e os pastos communs são relativamente mais proficuos para certos Paizes, em estado mais ou menos anormal, por lhes fallecerem as precisas condições, moraes e materiaes, para a admissão de um conveniente giro de culturas. Taes foram as circumstancias dos Povos da Europa, na opinião de Matheus Dombasle, em a meia-idade, e muito tempo depois.

Da mesma sorte, o centro da região das diferentes culturas, suppõe-se o *ponto* onde a planta respectiva vegeta e produz mais natural e abundantemente: comtudo o agricultor não se deve contentar e decidir tão sómente pela *quantidade e qualidade* dos generos, por isso que não raras vezes succede, que a elevação dos preços e a boa extracção concorram para que tal producção possa tocar, com avultado beneficio, o ponto extremo do seu limite meteorologico, ao passo que outro vegetal, ainda no meio da sua região, é ruinoso para o productor. E eis aqui está como interessa a todo e qualquer agricultor — embora affolhe, ou deixe

de pousio os seus chãos — o saber adaptar as suas culturas, não só ao clima, terreno e densidade da população, senão, e muito principalmente, aos limites economicos, e ás circumstancias do mercado que por fim de contas, são as que contribuem mais que tudo, quando favoraveis, para o crescimento do producto liquido (*).

Não é menor a importancia de quasi todas as noções das outras sciencias accessorias.

Tem-se hoje como certo em physiologia vegetal, que na alimentação de qualquer planta não figuram sómente os elementos gazozos: a agoa absorvida pelas raizes leva consigo quantidade de materias terrosas e alcalinas, que se consideram indispensaveis para que os vegetaes possam obter um desenvolvimento mais completo, mais perfeito, e, digamo-lo assim, normal. O exame dos principios fixos contidos nas cinzas dos vegetaes determina e indica a natureza de terreno que convém ás diferentes especies de plantas. A analyze do solo deixa vêr se este possui ou não as substancias mineraes proprias a cada vegetal. E por esta fórma é facil conhecer a causa da esterilidade e defeito dos terrenos, e aproxima-los, quanto possivel, ao maximo grão de perfeição agrológica.

E por ventura, que o agricultor siga este ou aquelle systema, ser-lhe-ha por isso menos util saber como se póde suprir, no terreno, a falta de principios alcalinos, azotados, &c.? Não lhe aproveitará, em todo o caso, o saber como se modificam as propriedades physicas do solo, deminuindo a tenacidade das terras demasiadamente fortes, e augmentando-lh'a, quando muito soltas? Haverá systema de producção vegetal,

(*) Por esta occasião, assentamos dever inculcar a nossos agricultor-s a ultima edição dos *Elementos de economia politica e estadistica*, do SR. DR. A. P. FORJAZ DE SAMPAIO: neste optimo Compendio, encontram-se, com admiravel precisão e clareza, os genuinos principios da sciencia; parte dos quaes são indispensaveis a quem quer que desejar habilitar-se para a intelligencia das applicações economicas á agricultura. E de bom grado aproveitamos nós a oportunidade, para tribuarmos, por este meio, os mais sinceros elogios ao excellente escrito do distincto Economista, e nosso intimo amigo.

por mais simples, no qual as excellentes theorias da margação, e da alimentação das plantas possam reputar-se de nenhum ou insignificante prestimo?

Outro tanto diremos em quanto aos *amANHOS*, que tem por fim dividir e esmiuçar o terreno, multiplicar as superficies que devem estar em contacto com o acido carbonico, com o oxygeno do ar, e com a humidade — operação de tanta monta, e que tanto importa ao agricultor saber praticar. Como porém o fabrico, que convêm ás terras lavradas, não é sempre o mesmo, tendo de variar, conforme a composição e disposição das camadas do terreno, — profundidade e natureza do solo *activo* e *inerte*, e do sub-solo, — situação do reservatorio inferior das agoas, &c.; como a adopção dos instrumentos aratorios tem igualmente de diversificar, segundo diversificarem as circumstancias indicadas, e infinidade de outras: é consequentemente obvio, que as applicações da geologia e da mecanica são immensamente vantajosas para todo o individuo, que emprehende introduzir algum melhoramento nas praticas agricolas do seu Paiz, quaesquer que ellas sejam.

Em fim, nossos agricultores viram já como se podem operar aquelles melhoramentos, que comprehendemos sob o nome generico de = aperfeiçoamento gradual. Viram tambem, que este consiste n'uma serie de beneficios isolados, tendentes a melhorar gradualmente os methodos e processos ruraes; a fim de que os proprietarios, grandes e pequenos sem distincção, possam mudar insensivel e economicamente das praticas defeituosas para melhores combinações, accomodadas aos usos, clima e logar. E o importante resultado, ao qual se dirigem todos esses melhoramentos, cifra-se, pelo presente e em o nosso Districto, no incremento do reddito liquido, com o descanso das terras e pastos communs, — no desenvolvimento das culturas especiaes, mormente das plantas arbustivas e lenhosas, que provavelmente tem de continuar a predominar no Paiz, e promettem beneficios mais ou menos consideraveis, — e em ultima analyze, na disposição das pessoas e das cousas para a

admissão de systemas mais complicados e proficuos, a todo o tempo que possam realizar-se sem grande obstaculo.

Por derradeiro observaremos, que para irmos d'acordo com as nossas anteriores reflexões, na exposição das regras e principios agronomicos de que temos de nos occupar nos seguintes numeros, diligenciaremos quanto ser possa antepor sempre aquelles conhecimentos que entendermos poderão sêr, desde logo, de algum prestimo para nossos agricultores; reservando para depois, os que julgarmos em caso opposto. Não se espere, todavia, encontrar em nossas columnas uma miuda applicação das doutrinas geraes a cada região meteorologica, a cada localidade, a cada palmo de terreno: bem que este jornal offercesse outras dimensões, quando mesmo o clima e solo do Districto fossem mais homogeneos, — sempre na execução seria interminavel, sobre difficil em extremo, uma tarefa destas. *A. J.*

HYGIENE, E SALUBRIDADE DA INFANCIA.

I.

Ar, luz, calor.

O ar que os infantes respiram deve ser muito puro, e d'uma temperatura moderada, evitando o mais possivel as rapidas variações do frio para o calor, ou vice-versa.

A luz é tão indispensavel á vista, como o ar á respiração: o infante criado n'um logar obscuro, *estiolar-se-hia* como a planta, que jámais recebeu o benefico influxo dos raios solares. Não obstante, os olhos do recém-nascido tem por algum tempo necessidade de serem abrigados da acção directa do sol, ou de uma luz demasiadamente viva e forte. A falta deste cuidado determinaria nos olhos do infante uma irritação, que poderia enfraquecer-lhe a vista, e trazer-lhe entre outros resultados o habito de *pesta-nejar continuamente*.

Se durante os primeiros tempos é neces-

sario não expor o infante ás variações rápidas da temperatura, também passados aquelles, e logo que os meninos podem andar por seu pé, será conveniente habitua-los a supportar o frio, e a obter pelo exercicio (jogos &c.) um calor salutar. Com quantas mais precauções e recato forem criados os pequenos, tanto mais impressiveis e sujeitos ás molestias se tornarão. Também será conveniente, fazer-lhe sobre todo o corpo algumas fricções brandas, a fim de desafiar e favorecer a transpiração; com as mesmas vistas, e para limpeza, serão uteis os banhos geraes.

A cama ou berço deve ser preservado das correntes do ar, mas não tanto, que, tendo o mesmo ar de servir á respiração, não possa ser de continuo renovado: por isso, se o berço tiver cortinados, devem elles estar ordinariamente abertos.

O quarto ou aposento do infante seja elevado, e exposto de preferencia ao meio dia, ou ao nascente; e que não tenha sido pintado á pouca; as paredes bem seccas; e o leito afastado dellas. O ar, n'uma tal casa, deve ser a miudo renovado, uma vez que o tempo não esteja muito frio ou muito humido. Não lhe façais nunca ahí muito fogo, evitai as *brazearas* fortes, e mais ainda o deixa-las de noite no quarto, principalmente se este fôr pequeno e agazalhado: entre os varios meios de aquezer o aposento preferi o queimar alguma lenha n'um bom fuzão.

A habitação do campo é preferivel á da cidade; não obstante evitai cuidadosamente os logares baixos e humidos, ou em que hajam agoas putridas e estagnadas, pantanos, &c. Os sitios elevados são também mais saudaveis; vêde como é robusto o filho do habitante das montanhas!

II.

Vestidura e limpeza.

A cabeça do infante, em quanto não estiver povoada de cabellos, deve andar coberta e agazalhada, mas esta cobertura e agazalho, que não seja excessivo. Os barretes enchumaçados, ou de estofos muito es-

pessos e quentes, concentram demasiadamente o calor, e retém a materia da transpiração, que nesta idade é assás abundante, por ser então a cabeça o orgão que maior predominio tem: daqui provém muitas vezes o aparecimento de diversas erupções, taes como a carepa ou caspa, a crosta lactea, &c. Deve também haver muito cuidado, em que a cabeça dos infantes não seja comprimida pelo aperto de fitas ou ligaduras, ou pelos barretes e chapeozinhos, pois que, além d'outros inconvenientes, obstaria isto ao regular, e tão importante desenvolvimento deste orgão.

Quando os meninos tiverem os cabellos compridos deverão trazer a cabeça ordinariamente descoberta, ou, quando muito, um chapeozinho de palha é bastante para no estio os resguardar dos ardores do sol. Os que tiverem o cabello curto (e esta moda é preferivel porque permite o pentea-los mais facilmente) devem no inverso ter mais algum cuidado em seu agazalho. Será também conveniente lavar a cabeça dos meninos com agoa morna na qual algumas vezes se tenha dissolvido uma mui pequena quantidade de sabão; mas tendo sempre cuidado de a enxugar depois bem, de não a abafar estando molhada, e de não a pentear ou escovar com muita força.

As camizas sejam largas, e isto principalmente nas mangas; a ponto de que, quando o infante metter as mãos por estas, não haja o perigo de se atravessarem, e torcerem os dedos. O corpo, do sovaco dos braços para baixo, deve ser envolvido n'um panno de linho (*cueiro*), cuja parte inferior se metta de permeio nas coxas, para as não deixar tocar. Um segundo panno de estof de lâ ou algodão, dará duas ou tres voltas ao corpo, tendo a extremidade dobrada, e conduzida sobre a parte superior do peito, e as pentas passadas para traz das costas, onde se prendem com alfinetes. A cinta ou *faixa*, com que se continuam a apertar os infantes, é um meio absurdo, um verdadeiro supplicio, do qual é necessario liberta-los.

Logo que os pannos ou *cueiros* estejam molhados devem mudar-se, e lavar o infante com agoa morna, a que algumas vezes jun-

fareis algumas gotas de agoa-ardente, ou qualquer licôr aromatico. Frequentemente acontece que a parte interna das coxas, a duplicatura das verilhas, as nadegas, &c. chegam a excoriar-se, o que é devido á acrimonia da urina e dejecções, e mais frequentemente ainda á demora destas, e á pouca limpeza e cuidado que se emprega: qualquer porém que seja a causa, logo que apparecerem as excoriações pulverizem-se com farinha de licopodio, ou amido, ou carancho de pão branco.

(Continuar-se-ha).

A. F. de M. P.

Couros impermeaveis.

Ao vêr no seu acreditado periodico, tão

honroso para o nosso Districto, alguns pro-

cessos economicos para tornar o calçado im-

permeavel á humidade, e á agoa; logo ten-

çionei dizer alguma coisa a este respeito,

exarando o que me recordo haver lido ha

tempos em um jornal estrangeiro, que não

deixa de vir a proposito.

Em quasi todas as artes e officios ha erros

communs, que se tem generalizado, e con-

vertido em axiomas, pela negligencia da

maxima parte dos que exercem esses mis-

teres.

Uma das maiores vantagens d'este seculo

é a familiaridade, por assim dizer, com que

as sciencias tem descido ás mais baixas

officinas a indagar estes erros para emen-

da-los. Mr. Flectwood de Dublin, fez ha

pouco um serviço importante neste genero.

Veio elle no conhecimento de que todos os

oleos e gorduras animaes, geralmente usados

na preparação dos coiros, em vez de servir

para conserva-los, contribuem para a sua

destruição, pela putrefacção prompta de que

são susceptiveis; e além disso, que estas su-

bstancias oleosas não dão nenhuma imper-

meabilidade contra a humidade. Experimen-

tou, e reconheceo tambem Mr. Flectwood ser

muito mais vantajoso, o substituir oleos ve-

getaes aos animaes, sobre tudo depurados

aquelles pelos processos chymicos. Obteve

para isto uma patente, que lhe custou para

mais de cem libras sterlingas, para cada um dos tres reinos da Gran-Bretanha. Eis-aqui o seu methodo.

Faz dissolyer em vinte gallões de espirito de terebentina (dois almudes e sete canadas) dez libras de gomma da India (couteou) cortada em bocadinhos; a vasilha não deve encher-se mais que até ao meio, pousse em banho-maria até se completar a dissolução; faz-se depois a mesma operação com cento e cincoenta libras da mesma gomma, e cem gallões (quatorze almudes e sete canadas) de espirito de terebentina, juntam-se-lhe vinte libras de pez de Borgonha, e dez libras de gomma de *juniperus lycia*. Lin.

Quando estas duas misturas estão inteiramente frias, ajuntam-se-lhe dez gallões de verniz de copal no acto de as misturar; e depois se lhe deitam pouco a pouco cem gallões d'agoa de cal. A mistura leva a fazer-se boas seis ou oito horas, durante as quaes se deve estar mexendo tudo com a maior força. Note-se bem, que para engarrifar este liquido deve ser mexido da mesma maneira. Querendo-se dar ao coiro um bonito verniz preto, devem ajuntar-se vinte libras de pó, vulgarmente ditos, de sapatos, dissolvidos primeiro em vinte gallões (dois almudes e sete canadas) de espirito de terebentina antes de os lançar na composição.

A applicação ao coiro faz-se mui simplesmente, com uma broxa grande de pintor, esfregando com força para embeberem bem os poros. Preparado assim o coiro é impermeavel á agoa, fica brando ao tacto, e mui flexivel.

Observações. — Ajuizando d'esta invenção, 1.º pelo preço que custou a patente, que é o minimo que podia custar em Inglaterra, e onde nenhuma se dá por menos. 2.º Pela grande escala em que Mr. Flectwood faz a operação; deve crer-se, que elle está bem certo dos proficuos resultados; pois não se despende tamanha somma para experiencias, e com risco.

Sem fazer todavia despezas tão excessivas, e sem operar em tão grandes massas, é facil fazer uma proporção, e experimentar um invento, que póde ser tão util não só para

o calçado, mas para toda a especie de obra de selleiros, correzeiros, &c. &c.

Mirandella, 26 de Fevereiro de 1846.

J. S. R. Cardoso.

Novo systema locomotor — de RHODES.

Com data de 20 de Maio ultimo recebemos de França (Castelnau-Riviere-Basse nos Houtes Pyrénées), uma carta assignada por M. Jean-Baptiste RHODES, na qual se nos pede a publicação de um prospecto, em que se annuncia um novo systema de locomoção, descoberto pelo signatario, e que a ser como se inculca, é a cousa mais espantosa, que em tal assumpto se tem visto. A extenção do dito prospecto, não nos permite o transcreve-lo na integra, mas daremos d'elle um extracto.

O systema de locomoção de M. RHODES, segundo elle afirma, é differente das locomotivas a vapor, e dos balões ou barcos athemosfericos, e superior, menos custoso, e menos perigoso do que taes machinas. Póde percorrer, conduzindo pessoas, ou outra qualquer carga proporcionada á sua potencia, uma distancia de 30, a 50, ou 100 legoas por hora; independentemente das inclinações e desigualdades do terreno, taes como montanhas, rochedos, costas do mar, &c. Com taes meios, diz M. RHODES, que em 4 dias se poderia fazer a viagem em volta do globo; algumas horas seriam bastantes para percorrer um reino, e passar a outro; e alguns minutos chegariam para hir da capital ás fronteiras! Em uma palavra, a velocidade do vento, e a do vôo das aves ficam a perder de vista do que promete um tal systema!!!

Tudo isto nos parece, e tem parecido igualmente a muita gente boa, nada mais do que um sonho, ou uma mistificação. É assim que, dizendo-se M. RHODES possuidor deste segredo á mais de 15 annos, e havê-lo já experimentado em ponto pequeno, não poude ainda convencer os governos, aos quaes, diz, se tem apresentado, a fazer pô-lo em pratica, e conceder ao auctor as recompensas que elle exige. A isto responde M. RHODES com a historia dos aerostatos, dos bar-

cos de vapor, das locomotivas dos carris de ferro, da rotação da terra, &c., descobertas, e invenções estas, todas a principio combatidas, ou desprezadas, e não acreditadas: sobre tudo se apoia M. RHODES no modo, e franqueza por que hoje se propõe levar a effeito o seu systema, e que aliás justifica a epigraphe, que adoptou para o prospecto que expoz ao publico.

« RHODES ne veut pas forcer a croire,

« Mais il veut prouver qu'on doit croire. »

Propõe-se M. RHODES obter uma subscrição voluntaria, a qual logo que chegue a uma quantia sufficiente para lhe assegurar uma correspondente gratificação pelo seu invento, e segredo do mesmo, elle, ás suas proprias custas, procederá ás experiencias publicas, percorrendo pelo seu systema a distancia de dois mil metros, no tempo de um minuto, ou em menos; o que corresponde á velocidade de trinta ou mais leguas por hora. Se M. RHODES desempenhar este problema, e as suas experiencias satisfizerem o publico, receberá então de seus subscriptores as quantias por que cada um delles se tiver obrigado, se, pelo contrario, não desempenhar sua promessa, então não serão responsaveis a pagar-lhe cousa alguma. No fim do prospecto dá M. RHODES a formula pela qual se deve effectuar a subscrição.

Com quanto nos não desagrade o meio proposto, no entanto, cada um formará de tal annuncio o juizo que lhe aprouver. Aos homens da especialidade remettemos nós o assumpto. Os RR.

DOS ESTUQUES E MARMORES ARTIFICIAES.

(Annaes da Sociedade Prom. da Ind. Nacional).

Deu-se o nome d'estuque a uma especie de pedra facticia que imita o marmore.

Faz-se esta composição de ordinario com a argamassa de cal, pó de pedra calcaria, cré ou gesso, que se mistura com outras substancias, para se obter em pouco tempo um corpo solido que sendo colorido e poli-

do, possa substituir em muitas circumstancias os marmores mais preciosos.

Uza-se muito nas obras de architectura para revestir as columnas, pilastras e paredes, e para formar molduras, baixos-relevos e outros objectos analogos.

Tambem pôde ser empregado o estuque na cobertura de superficies exteriores expostas ao ar e á humidade, em tal caso devem preferir-se para sua confecção as materias que tenham menos susceptibilidade de serem atacadas pela agoa.

A composição do estuque não pôde ser universal, por isso que está dependente da natureza da cal e das outras diferentes substancias que se empregam.

O que principalmente se deve tratar em semelhante caso, é obter uma mistura que possa adquirir um grande grão de dureza e que seja susceptível de tomar bom lustro.

Para conseguir bons resultados, é necessario que as substancias empregadas sejam muito finas, e que possam facilmente solidificar-se.

São estas condições principaes que distinguem os estuques das outras pedras facticias e dos rebocos ordinarios que se podem executar com argamassas muito menos finas.

SECÇÃO I.

Das materias proprias para formar os bons estuques.

A cal mais propria para este genero de composição é evidentemente aquella que se endurece muito promptamente, tal como o gesso-cimento de Bulonha, e o cimento romano dos Inglezes.

O pó resultante das lascas de marmore de Carrara, produz o mais bello estuque, porque é o mais branco e o mais brilhante. Porém na falta deste pó, os outros marmores podem igualmente servir (*).

(*) Julgamos, que nesta nossa localidade, será bom para o fim indicado o calcareo sacarino ou estatuario, que se encontra proximo da villa do Vimiozo; possuímos muitas amostras de calcareos e marmores de diferentes partes deste Districto, mas nenhuma tão branca, e de um grão tão fino como o que indicamos.

Os RR.

As pedras duras e brancas cujo grão é muito fino, formam tambem bellissimo estuque.

Pôde empregar-se igualmente o pó de alabastro de primeira qualidade; porém ainda que o estuque que d'elle provém seja muito fino, não resiste tanto á humidade como aquelles formados pela cal que tem a propriedade de endurecer na agoa.

A qualidade essencial que se deve procurar no gesso, é a dureza que elle pôde adquirir.

Esta qualidade depende não só da sua natureza primitiva, como do grão de calcinação que se lhe deve dar. Não podemos a semelhante respeito estabelecer regras bem fixas, visto que este grão de calcinação não pôde ser o mesmo para todos os paizes onde se encontram as pedras de gesso, por que algumas ha cujas propriedades são muito diferentes. Só por meio de ensaios é que se poderá conseguir, em cada localidade, o determinar o melhor grão de calcinação que convirá dar-lhe. (Continuar-se-ha.)

O COLLAR DA FINADA.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

V.

Eram oito horas da manhã; e só então é que Alberto com um dos seus dois companheiros voltava do jogo, onde o deixámos na noite antecedente, e no qual tinha continuado a perder. Vinha palido, abatido, e melancolico.

Os sinos da freguezia com a sua lugubre toada annunciavam que para algum dos fieis tinha cahido o ultimo grão d'areia na ampolheta, que lhe media a tão incerta duração da vida! e aos que cá se ficavam, pediam elles tambem, em nome da religião, uma supplica, pelo descanso eterno de quem assim se ausentava para nunca mais voltar. Ouvio-a Alberto, essa toada lugubre, e que as circumstancias, em que elle se encontrava,

mais lugubre e triste lhe representavam ainda; ouviu-a, e mil ideias, mas todas sinistras, lhe tumultuaram então na mente, succedendo-se umas a outras com a velocidade do raio. Lembrou-se do estado, em que havia deixado sua mãe... e teve vergonha de si mesmo! um cruel presentimento, que elle repellia com certo horror, lhe esvoaçava pela fantazia!... Ha na vida occasiões de crize, em que o coração fatidico nos apresenta como realidade o objecto de uma grande esperanza, ou de um grande receio, uma cousa, cuja existencia ainda está no futuro, ou se já existe, para nós era como se não existisse; hesita, ou se lhe oppõe a razão, mas o coração teima, e o tempo vem depois mostrar, que elle se não enganava. Qual de nossos leitores não experimentou ainda este phenomeno!

Alberto como absorto, sem mesmo se dirigir para o seu companheiro, machinalmente pronunciou as seguintes palavras «dobram pelos fiados...» e continuou a andar a passos largos, e com ar meditativo. Seu companheiro, olhando-o attentamente, conheceu tudo quanto aquellas palavras de Alberto significavam então; mas dissimulou, e passados alguns instantes, voltando-se para elle, lhe disse.

— Adeos, Alberto; já não te acompanho, nem vou almoçar contigo; porque me lembrou, que ás oito horas devo estar em casa para tratar negocios domesticos.

Alberto, como se houvesse soffrido um brando choque devido ao contacto da raia ou enguia electrica, ou como se subita, e inesperadamente o acordassem do primeiro somno da noite, teve um pequeno sobresalto, e fixando os olhos no seu companheiro lhe respondeu.

— Oh! por quem es, has de acompanhar-me; talvez... talvez preeize de ti.

— Nesse caso irei contigo, por te obsequiar — lhe redarguiu aquelle.

Pouco depois, havendo entrado em casa, Alberto vio realizados os seus presentimentos, sabendo da criada a noticia da morte de sua mãe; e como chamára constantemente por elle, e as palavras daquella nos seus derradeiros momentos «Onde estás meu fi-

lho?!... onde estás, que não vens despedir-te de tua mãe?!... vem meu filho... vem abraçar-te comigo... deixemos ambos este mundo enganador; esta sociedade corrompida...»

— Ai! estas palavras, senhor Alberto, fizeram-me tal impressão, que ainda não pude esquece-las!... e tem-me feito scismar tanto...

— Cale-se mulher, não seja agoureira — disse o companheiro d'Alberto á criada, que estava narrando aquelle successo: e Alberto, dirigindo-se á mesma, perguntou.

— Onde está D. Maria?

— Está acabando de vestir a defuncta.

— Pois vá ajuda-la, vá... vá lá para dentro.

Tendo ouvido aquella narração, que a criada acabava de fazer, Alberto derramou algumas lagrimas, parecendo contristar-se cada vez mais. Quando a morte ceifa alguma de suas victimas sentimos magoar-se-nos o coração: é este um phenomeno commum, ou elle seja filho dos laços geraes, que nos ligam como membros de uma só familia — a humanidade — ou elle provenha da recordação, que aquelle factio desperta em nós — a identidade da sorte que nos espera. Mas tal sentimento é leve e fugaz como o fumo «a terra lhe seja leve! Deos o tenha á sua vista!» São os votos que ordinariamente fazemos, e com elles esquecemos o successo. Quando porém a victima nos toca de mais perto, quando é um de nossos amigos intimos, um de nossos parentes, um irmão, um pai, uma esposa, então é que experimentamos todo o vacuo, todo o horror, todo o desespero de uma tal separação; como se perdessemos uma parte de nosso ser, de nossa propria existencia, quasi nos parece impossivel podermos conservar a que nos resta; então o sentimento é indizivel, infinito: a propria vida organica, ou que está fóra do dominio da vontade, cahem em completa desordem, a anxiedade é extrema, o peito não respira senão ais e soluços, o coração, em lugar de suas systoles regulares, comprime-o uma mão de ferro, contra a qual reagindo em balde, manda aos olhos torrentes de pranto, e por muito tempo fica ainda sendo pungido pelo acúleo da saudade.

Mas o vicio, e o crime invertem, e desnaturalisam a tal ponto os nossos sentimentos e affecções! o verdadeiro conhecimento do coração humano é inigma tão obscuro! que nós chegamos a duvidar da causa que motivou aquellas lagrimas d'Alberto. Lembrar-se-hia elle de que com suas estravagancias houvesse concorrido para a morte de sua mãe? (porque o remorso vem logo após o crime perpetrado) ou seria o amor filial? affecto tão intimo, e de tão profundas raizes, que nem o mesmo vicio pôde inteiramente desarreiga-lo, a menos que de todo não tenha prevertido o homem, ou, para assim o dizemos, transmudado sua essencia. Quem sabe? seria talvez tudo isso, e mais alguma coisa ainda. . .

O companheiro d'Alberto procurou confortá-lo, como era natural em taes casos; e, passado algum tempo, novamente tentou ausentar-se, para o que lhe dirigio as seguintes palavras.

— Alberto, vê se posso agora prestar-te para alguma cousa; porque d'outra fórma, vou a casa, e voltarei logo.

— Meu amigo — lhe volveu Alberto — se me estimas, não te ausentes agora: sabes que não devo sair de casa, e preciso de quem me cuide do funeral de minha mãe; e, o que mais é, acho-me sem real, e um enterro não é agora coisa, que fique tão barata como isso. . . é sobre um mal outro mal. Não poderás tu arranjar-me algum dinheiro?

— Eu! isso é impossivel: tu bem sabes que o não tenho, pois ainda hontem me emprestaste o que esta noite perdi ao jogo; e será escusado o hir pedi-lo ás pessoas minhas conhecidas, porque com todas estou em divida.

— Oh desgraça! . . . — exclamou Alberto fazendo um gesto de afflicção — em que occasião isto havia de acontecer. . . maldito jogo. . . que não quebrasse eu as pernas a primeira vez que fui jogar, ou que não se me tolhessem as mãos quando peguei nas cartas. . . Nada, isto não pôde ser assim. . . leve o diabo quem mais tornar a jogar; e protesto, que desta vez cumprirei o meu juramento, pois me não ha de acontecer como

tantas outras, jurar pela manhã, para perjurar á noite.

Soltando estes lamentos e juras, e passeando pela casa, Alberto dava repetidos ais e suspiros, e com os punhos cerrados batia em si proprio, ou se arrepelava.

Seu companheiro, mostrando-se tristonho, fingia que tomava parte nos soffrimentos d'Alberto; mas a verdade é, que sómente escogitava o meio de sair dalli airosamente. Em uma pequena pausa, que Alberto fez, aquelle acodio logo com a stulta, e muito desconsolada consolação, o logar commum por elle proprio já duas ou tres vezes repetido.

— Não te afflijas com a morte de tua mãe, ella era já velha, fez a jornada que todos havemos de andar; e o que não tem remedio, remediado está.

Alberto sem lhe prestar attenção, e parecendo mesmo não o ter ouvido, continuava a passear, e a fallar consigo mesmo.

— Que hei de fazer agora? ou como me haverei? . . . O unico meio que me lembra é vender ou empenhar alguma cousa. . . mas o que? assim. . . de repente. . .

Então parou breves instantes no meio da sala, e como se uma lembrança feliz lhe occorresse, um raio de esperanza se lhe traduzio no semblante já mais sereno: depois, proseguio muito menos agitado.

— Oh sim. . . o collar d'ouro com o retrato de meu pai. . . é a unica cousa sobre que em prompto poderei obter dinheiro.

— Optima lembrança — exclamou o companheiro, que vio naquelle expediente o meio de haver mais algum vintem para á noite hir continuar o jogo.

— Irás empenha-lo pela maior somma, que poderes obter.

— Vou já, se assim o queres; e não me poupes, que não estou aqui para outra cousa, senão para te obsequiar, e fazer o que ordenares.

— Pois bem: eu vou busca-lo. . . E agora me lembra. . . queira Deos, que não lhe tenham lançado a mão, porque minha mãe estava já chocha, e a ladina de D. Maria armou-lhe hontem uns rodeios, uma sêcca tão grande, que aquillo para alguma cousa era. . .

— E tu tens mais, que fazer-lho alli rep-

por com lingoa de palmo, se ella já o tiver em seu poder? porque isso era um verdadeiro roubo.

— Vamos vêr como isto é.

Clara? Ó Clara? venha cá.

— Vossa senhoria quer alguma cousa? — respondeu a criada acodindo áquelle chamado.

— Quero sim. Onde tem as chaves do bahu pequeno, em que está o collar, e retrato de meu pai?

— As chaves aqui estão, senhor, mas o collar.

— O collar que? onde está?

— O collar não está lá; porque.

— Isso logo eu suppoz; mas enganam-se, não de dar conta d'elle, ou.

— Não se afflija, meu amo, olhe que não está perdido: elle alli está.

— Alli abnde? diga, acabe com isso.

— Tem-no sua mãe.

— Minha mãe?

— Sim, senhor, que o pediu quando estava para morrer.

— Pois bem; e então porque o não puzeram depois no seu logar? Ora vá busca-lo.

— Ir busca-lo! . . . eu! . . .

— Você enloqueceu mulher, ou que quer dizer tudo isto? Repito, que ha de dar conta d'elle.

— Senhor meu amo, sua mãe (que Deos tenha em santa gloria), pouco antes de morrer pediu o collar, beijou-o muitas vezes, e declarou diante do senhor padre cura, e da senhora D. Maria « que era sua ultima vontade leva-lo consigo para a cova, e que queria ser enterrada na mesma sepultura de seu esposo. » E então queria vossa senhoria que eu fosse arrancar-lhe o collar do pescoço? eu que fui a sua criada fiel por tantos annos, não havia de fazer-lhe agora aquella ultima vontade, só porque ella já morreu!

Quando Clara acabou de fallar, e de uma maneira tão positiva, Alberto olhava para ella sem saber o que houvesse de responder; mas o companheiro deste, receando que a occasião se mallograsse, e acodindo por elle, disse para a criada.

— Oh mulher! seu amo hoje é só o se-

nhor Alberto; e então não ha de fazer o que elle lhe manda? Não ha de hir buscar-lhe o collar?

— Não, meu senhor. . . não, e não: Deos me livre de tal, que isso seria um grande peccado; e eu não estou para que a alma de minha ama venha do outro mundo todas as noites ter comigo, e pedir-me o seu collar!

Após acabar estas palavras, que havia preferido com voz firme e resoluta, Clara estremeceu, como se já devizasse perante si o espectro de D. Henriqueta; e desatou em copioso choro, que até então a custo tinha contido na presença do estranho. Alberto, porém, tomada a sua resolução, um pouco irado, e apontando com a mão para a porta, lhe disse.

— Oh mulher estúpida e supersticiosa! va-se. . . va-se, tire-se-me diante da vista. . . pensa você, que eu hei de perder assim uma joia de valor, para a vêr hir para debaixo da terra!

— Além da perca — acrescentou o companheiro — seria loucura, porque não faltaria quem a fosse desenterrar, e andar aos tombos com a pobre velha.

— Não ha de acontecer assim. . . eu vou acabar esta questão.

Alberto pronunciou estas ultimas palavras já sahindo da sala em que estavam, e com intenção de hir buscar o collar ao pescoço mesmo do cadaver de sua mãe; não obstante a veridica declaração, que a criada a tal respeito fizera.

Chegado junto da porta do apozento em que se achava a finada, vio defronte D. Maria, ajoelhada diante de um crucifixo. Este novo obstaculo o irritou ainda mais; e como quizesse occultar aquella as suas tenções e circumstancias, entendeu, que não tinha outro meio senão afasta-la dali. Chamou por ella; e D. Maria aproximando-se, lhe disse na linguagem do mais profundo sentimento, com os olhos arrazados d'agoa.

— Ai! como tardastes Alberto. . . quanto vos desejei aqui. . . Que desgraça! que fatalidade!

— Eu quiz deixar-vos mais á larga. . . entendi que não desgostaveis disso. . . agora, que tendes cumprido o vosso designio.

— O meu dever, e nada mais . . . o meu dever como filha, e filha extremosa. Logo que soube da sua molestia, vim visita-la: assist-a em quanto viva; tenho agora cuidado dos arranjos do seu funeral, e tudo está já prompto: são os ultimos serviços que possa prestar-lhe, além d'outros, que me incumbio, e que espero cumprir.

— Sim; são os ultimos serviços que podeis prestar-lhe . . . depois que a conduzistes a este estado, acrescentarei eu! . . . não vos lembrei que, o vosso tanto conversar com a doente, havia fazer-lhe mal? cumpristes a vossa vontade . . . acabastes a vossa obra . . . agora que pertendeis? . . . penso que nada mais vos resta aqui; por isso podeis ausentar-vos . . .

— Alberto! que proferiz?! . . . alucinavos a dôr, e o sentimento . . . pois não vêdes que . . .

— Não vejo . . . não quero vêr mais perfidias. Agora nesta casa sou eu quem manda . . . podeis ausentar-vos della, antes que a isso vos obrigue d'outra fórma . . .

— Mas . . . (meu Deos! . . . pois ainda mais esta afflicção? . . .)

— Alberto acabando de fallar, sem querer ouvir D. Maria, e voltando-lhe as costas, partio para a sala aonde havia deixado o companheiro. Qual não foi porém o seu espanto e desesperação, quando o não encontrou! porque aquelle, tendo ouvido parte da conversa de Alberto e D. Maria, perdida a esperança de haver ás mãos o collar, se havia ausentado.

Pouco depois, Clara entrou na mesma sala. Havendo referido a D. Maria o que tinha passado com Alberto e seu companheiro: tal revelação foi para aquella um raio de luz, que immediatamente lhe deixou vêr o estado, e intenções de Alberto. Então D. Maria, desejando a todo o custo, que a ultima vontade de sua madrastra fosse cumprida, mandou Clara a vêr se assim o podia conseguir de Alberto.

— Meu amo e senhor, D. Maria antes de ausentar-se manda offerecer a vossa senhoria algum dinheiro, se nesta occasião lhe for necessario; e como eu lhe dicêsse a ella, que vossa senhoria me mandou buscar o col-

lar, tambem ella pede a vossa senhoria, que deixe hir o collar com a finada, para o que D. Maria se offerece a pagar o valor do mesmo.

A esta proposta tão generosa e sincera, respondeu Alberto abraçado em cólera.

— Dizei-lhe, que não preciso do seu dinheiro; mas que quero o meu collar . . . entendendo o que quer dizer o vosso recado . . . cada vez me capacito mais da realidade de minhas suspeitas; mas eu vou verificar se é minha mãe, ou quem é que tem o collar.

— Em nome do Padre, e do filho, e do . . . Ó meu amo! pois vossa senhoria suspeita . . .

— Suspeito sim senhora . . . suspeito muita cousa; e vou desenganar-me, em quanto é tempo; em quanto essa mulher se não ausenta.

Então se dirigio novamente para a outra sala em que estava a finada. E Clara benzedo-se muitas vezes, e como que querendo proferir mais algumas palavras, o que apenas se lhe conhecia pelo bulir dos labios, apesar de todos os máos tratamentos, que tinha experimentado, sem mesmo se lembrar, que devia transmittir a D. Maria o resultado de sua mensagem, não pôde apartar-se de Alberto, a quem seguia automaticamente; era qual o somnambulô magneticô, que um poder inexplicavel arrasta após o seu magnetizador.

No meio da sala ou apozeno maior da casa estava o caixão funeral, posto em cima de uma simples mēsa, coberta com uma hēta preta, que de todos os lados descia até ao chão: encostada a uma das paredes era outra mēsa pequena, coberta com um pau branco, e sobre ella um crucifixo, e dois castiçoes. O apozeno via-se despojado de seus moveis costumados, apenas alguns paineis estavam pelas paredes, mas com as costas voltadas para fóra; as janellas exactamente fechadas obstavam á entrada da luz, que os raios do sol exteriormente derramavam em torrentes; mas quatro grandes tochas, ardendo em volta do caixão, lançavam no apozeno uma triste claridade. A finada estava alli como que esperando sómente pelas ultimas despedidas de seu filho . . . so, sem as solemnidades do costume, sem que

a religião ou a amizade adoçassem o triste e sombrio aparato daquelle scena (*).

Alberto chegado á entrada deste apozento, e observando o quadro que se offerencia a seus olhos, parou como tomado por um insolito pavor, e sentio correrem-lhe pelos membros uma horripilação e frio glacial.

Olhou para traz, e folgou de vêr a pequena distancia a velha Clara, que elle estava bem longe de suppor alli: fez-lhe signal para que se aproximasse, e, cobrando algum animo, se dirigio para o caixão da finada. Hia abri-lo, quando Clara, debruçando-se em cima delle, e voltando para Alberto uns olhos supplicantes e inundados de lagrimas, exclamou.

— Oh meu amo! por quanto ha de sagrado! pela alma de seu pai, e de sua mãe!... pelas chagas de Christo!... não tire o collar a sua mãe!... não queira commetter tão grande peccado, que o céu castigaria com grande castigo.

Arrede-se mulher louca e impertinente, não me impaciente mais com suas carolices — tal foi a resposta d'Alberto arremetendo com as mãos a pobre Clara, e abrindo immediatamente o caixão.

Então Clara, a um lado, em pé, hirta, e estupefacta, soltou um grito de espanto; e logo unio, e levou as mãos á cara para tapar seus olhos, permanecendo depois por algum tempo firme, e extatica como uma estatua de marmore.

Qual seria o motivo daquelle grito? Tapára Clara os olhos para não vêr o desacato a que debalde pertendêra obstar?

Não... outra era a causa de tudo aquillo. Quando Clara tinha pela ultima vez visto a finada, havia esta ficado com os olhos fechados, e as mãos sobrepostas uma a outra em cima do peito. E agora? agora apparecia-lhe ella com as mãos unidas, os olhos muito abertos, e umas e outros elevados para o céu como se em humilde supplica quizesse dizer « Perdoai-lhe: meu Deos!... Perdoai ao meu caro filho. »

— A. F. de M. P.

(*) Em taes casos é uso nestes povos o hirem as pessoas amigas e conhecidas velar junto do finado e sua família; e cada pessoa leva uma luz, nas aldeias é a classica candeia de folha, para alumiar o finado.

Alberto, representou-se-lhe sentir mover-se o cadaver de sua mãe, e murmurar algumas palavras de reprehensão. Bem quizera elle então afastar a vista de um tal espectáculo; mas seus olhos por um poder invencivel eram como pregados sobre os de sua mãe; estava horrivelmente palido, batiam-lhe os dentes uns contra os outros, vacilavam-lhe as pernas, e frequentes sobresaltos lhe sacodiam todos os nervos. Poucos momentos depois, tendo perdido os sentidos, cahio sobre o pavimento no meio de terribes convulções, batendo em si proprio, espumando, rangendo os dentes, e revirando medonhamente dentro das orbitas os olhos arregalados.

Clara bradou por D. Maria, pedindo socorro. Esta, apenas chegada, soltou um grito de grande consternação, apertando as mãos sobre a cabeça; e logo, antes de alguma outra indagação, mandou chamar o parochó.

Apenas tinham passado algumas horas, e já por toda a cidade era divulgada a noticia deste inaudito successo.

No dia immediato, e em todos os seguintes á mesma hora, Alberto cahia em um estado semelhante ao que acabamos de descrever. Os medicos declararam que estava *epileptico* ou com o *mal sagrado*: mas a velha Clara tinha para si, que era a alma de D. Henriqueta que havia entrado no corpo de Alberto para obriga-lo a deixar sua vida desregrada, e a fazer penitencia.

Havia decorrido um anno; e n'uma sala do hospital da Misericordia de Miranda, um cadaver envolto n'uma miseravel mortalha jazia no *esquife dos pobres da freguezia*.

Na mesma sala, com as lagrimas nos olhos, e em fervorosa oração, se viam duas mulheres junto daquelle cadaver. Eram ainda Clara e D. Maria; pediam a Deos pelo descanso eterno do desgraçado Alberto, que, tomado de remorsos, poucas horas antes havia pobremente findado seus dias.

Assim acabou este desgraçado, depois de haver pôr alguns mezes esmolado o pão quotidiano!... Possa o seu exemplo ser proficuo a muitos que ainda hoje emitam a primeira parte da sua vida!

A. F. de M. P.

Ephemerides da historia Portugueza.

Maio.		
1	1460	Os Portuguezes descobrem as ilhas de Cabo Verde.
2	1716	Nascimento do Infante D. Carlos, filho d'ElRei D. João 3. ^o
3	1404	Morre o D. ^o João das Regras, afamado jurisconsulto, e valido de D. João 1. ^o
4	1588	Morre em Gôa D. Duarte de Menezes, Vice Rei da India.
5	1632	Morre no convento de Bemfica o celebre escriptor Fr. Luiz de Sousa.
6	1448	ElRei D. Affonso 5. ^o casa em Lisboa com a Infanta D. Isabel d'Alencastre.
7	1618	Morre em Coimbra, Balthazar Alvares, Lente de Prima de Theologia, e Cancellario da Universidade d'Evora.
8	1144	D. Affonso Henriques conquista a villa de Santarem.
9	1512	Fernão Lopes d'Andrade, ganha contra os gentios uma das mais espantozas batalhas, que os Portuguezes pelejaram na India.
10	1495	Nasce em Montemór o novo, S. João de Deos, fundador da ordem religiosa do mesmo nome.
11	1236	Morre D. Mendo Affonso, cavalleiro templario de insigne valor e piedade. Jaz em Santarem na collegiada de Santa Maria d'Alcaçova.
12	1430	Morre no convento do Carmo em Lisboa, o Condestavel Nuno Alvares Pereira.
13	1559	Os Reis do Malabar são destroçados, e obrigados a levantar o cerco de Cananor.
14	1614	Horriavel terremoto na ilha Terceira.
15	1472	Fundação do hospital de S. José em Lisboa.
16	1422	ElRei D. Affonso Henriques desbarata junto de Traneozo o Rei mouro de Badajoz.
17	1618	Horrenda tempestade na Cidade de Baçaim na India.
18	1498	Vasco da Gama chega pela primeira vez á India, e lança ferro no porto de Calcut.
19	1738	Morre o padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio; natural de Pernes, insigne escriptor, e poeta latino.
20	1449	Batalha d'Alfarrobeira.
21	1535	Chega a Lisboa o valorozo Diogo Botelho, com a nova de terem os Portuguezes uma fortaleza em Diu.
22	1733	Antonio Sequeira e Albuquerque morre na cidade da Guarda com 103 annos de idade, tendo exercido 86 annos o logar de Conego na Cathedral da mesma cidade.
23	1525	É descoberta a provincia do Espirito Santo no Brazil.
24	1490	D. João 2. ^o celebra côrtes com os 3 estados do Reino, na cidade d'Evora.
25	1625	Urbano 8. ^o canoniza Santa Isabel Rainha de Portugal.
26	1644	Os Portuguezes ganham sobre os Castellhanos a batalha de Montijo.
27	1726	Os Portuguezes tomão por assedio a cidade de Bicholim na India.
28	1396	Doze cavalleiros Portuguezes desafrontam em duelo campal as damas Inglezas.
29	1483	Prizão de D. Fernando Duque de Bragança.
30	1588	A invencivel armada (de 175 vellas) sae do porto de Lisboa contra Inglaterra.
31	1469	Nasce em Alcochete D. Manoel, depois Rei 1. ^o do nome.

A. F. de M. P.

Commemoração.

— 25 de Maio de 1603. —

« O veneravel padre Agostinho da Trindade, natural da cidade do Porto, conego da Sagrada Congregação do Evangelista, foi varão de eximia santidade, e solida virtude; por ella foi tido em summa reputação com os maiores senhores, e principes do seu tempo: ElRei D. João 3.^o, e o cardeal D. Henrique o buscavam muitas vezes; uma o achou o mesmo Rei todo coberto de suor, e pô, acarretando pedra para a fabrica da nova igreja de S. João de Xabregas; admirou-se justamente ElRei, vendo aquelle veneravel velho carregado, sobre o pezo dos annos, com o daquellas pedras, se chegou para elle, e se dignou de pegar na mesma padiola, dizendo — *Ajudemos a este bom velho.* — Foi confessor, e pai espiritual do veneravel padre Antonio da Conceição, a quem a voz universal chama o Beato Antonio, e eram tão parecidas as vidas, e virtudes de ambos, que dizia a este intento Miguel de Moura, governador que foi deste Reino: que se se embarcasse, e não houvesse mais que duas náos, e em uma fosse o padre Antonio da Conceição, e n'outra o padre Agostinho da Trindade, duvidaria justamente, em qual dellas hiria mais seguro; foi zelozissimo dos ritos ecclesiasticos, e compoz um excellente ceremonial, de que a congregação usou muitos annos: morreo de oitenta e cinco, no de 1603 a 25 de Maio; floreceu em vida, e depois da morte em milagres. Jaz sepultado no convento de S. João Evangelista de Xabregas.

(Anno historico.)

Breve noticia genealogica da familia dos Moraes.

Differentes familias existem em Portugal com este appellido, e algumas se intitulavam senhoras, e padroiras da casa do capitulo, e convento de S. Francisco, que ha na cidade de Bragança. A mesma chronica, e memorias antigas dos extinctos frades franciscanos dizem: que alguns devotos da

nobre familia dos Moraes, doaram o terrendo aonde o mesmo patriarcha S. Francisco edificou o convento no anno de 1214, e que alli havia uma capella de Santa Catharina, que servindo-lhe d'igreja por muito tempo, se transformou depois em casa de capitulo para a comunidade.

Estes Moraes são inquestionavelmente a familia de quem hoje é representante o conde de la Roza na Hespanha, Parão de Garcipolhera, D. Francisco de Castro Moraes Pimentel, filho d'outro portuguez do mesmo nome, que na Hespanha casara com a condessa de la Roza, senhora de cinco villas, e é 3.^o neto do sargento-mór de batalha, Gregorio de Moraes Pimentel e Castro, descendente em linha recta, de Martin Affonso Pimentel, irmão do conde de Benavente.

Tinha esta familia, sepultura com epitaphio, e brazão d'armas no dito capitulo, ou capella de Santa Catharina, e nella se enterrou ha 45 annos, sua parenta a Ex.^{ma} D. Joanna Corrêa de Sá Vasques e Benevides, natural do Rio de Janeiro, e mulher do Ex.^{mo} tenente general, conselheiro de guerra, Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, e mais dois filhos, como refere a gazeta de Lisboa do 1.^o de Setembro de 1801; e não se enterraram nunca os Moraes da casa dos Machucas (que hoje pertence por linha feminina a Manoel Pinto Guedes Bacellar, filho primogenito do Ex.^{mo} visconde de Monte Alegre), pois que o ultimo desta antiga familia dos Machucas, que era commendador de Malta, Fr. Domingos de Moraes Pimentel, foi enterrado na igreja do convento de Santa Clara, aonde esta familia, e todos os seus antepassados tinham sepultura propria com epitaphio, e brazão d'armas.

Muito menos pertencia esta sepultura do capitulo dos ditos frades franciscanos aos fidalgos Arrochellas de Guitariães; nem ao da villa da Barca, Manoel Pereira de Castro Pimenta, como se diz nos Costados genealogicos, impressos em 1829, lhe pertencia por casamento, talvez lembrando-se que já não existiriam representantes desta casa, e então a elles, como parentes mais proximos lhes pertenceria.

Porém nem assim mesmo, porque paren-

tes mais chegados são os viscondes d'Azenha, pois que o pai do actual visconde, Bernardo Corrêa de Moraes, era filho da Ex.^{ma} D. Maria Corrêa de Moraes Castro, Dona de honra da camara da Senhora D. Carlota, Princesa do Brazil, e irmã do pai do actual conde de la Roza, residente em Saragossa, e agora senador em Madrid: este conde ainda tem casas em Bragança, que mostram a sua antiguidade, e muitos foros e fazendas, denominadas da Reprezalia, dados pelos Senhores Reis destes Reinos D. Affonso VI., D. Pedro II., e confirmados pela Rainha, a Senhora D. Maria I., que tem andado em litigio por se dizerem doações, que parece estarem extinctas pelas novas instituições politicas.

A referida capella ou capitulo se acha hoje profanado e demolido pelos paizanos e militares, a quem se entregou o convento dos extinctos frades; e até por direcção de um engenheiro se conduziram as pedras sepulchraes para as suas cozinhas!... Com tudo os ossos, que existiam na referida sepultura foram decentemente trasladados para a igreja dos terceiros da mesma ordem de S. Francisco, pelo zelo, e diligencias do parente e filho da ultima Ex.^{ma} enterrada, João Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, arcediago da Sé, que tambem é procurador nesta cidade do referido conde de la Roza.

Rebordões, 30 d'Abril
de 1846.

F. X. G. de S.

Nova Companhia.

Acha-se estabelecida na cidade do Porto uma nova Companhia de seguros denominada — Douro — a qual tem por fim, segurar as fazendas e effeitos, que navegarem pelo rio Douro. Esta via de communicação é de certo a mais commoda para as duas provincias da Beira e Traz-os-Montes, não tem contudo até hoje adquirido o desenvolvimento e frequencia, que deve, e pôde ter; para isso concorrem muitos obstaculos, um dos quaes é de certo o risco devido aos cachões e saltos, ou como os naturaes lhe

chamão — os *pontos* do mesmo rio. Esperamos, que a Companhia, facilitando esta navegação, concorrerá para que a mesma se torne mais frequente e extensa, aproveitando-se os nossos comprovincianos destas vantagens.

O

Tentativa de regicidio.

Um guarda do parque real de Fontainebleau, por nome Lecomte, tendo-se encoberto de traz de um muro, a 16 do mez passado, atirou um tiro sobre Luiz Filippe rei dos francezes, que felizmente pôde ainda desta vez escapar. Um moço d'estribeira saltou o muro, e conseguiu capturar o criminoso, que vai ser julgado pela Camara dos pares para esse fim formada em tribunal de justiça.

Horriveis descobertas.

Acaba de fazer-se em Gibraltar um descobrimento muito extraordinario. Tendo o primeiro magistrado mandado fazer algumas obras na casa de sua residencia, os trabalhadores que nellas andavam descobriram uma escavação, que se prolongava bastante por baixo da terra. A curiosidade os fez descer, e então encontraram um vasto subterraneo com as paredes encrustradas de stalactites; no centro estava um esqueleto humano prezo á rocha, e ao pé delle a osada de um cão tudo petrificado. Pela posição do esqueleto, e aspecto do subterraneo, suppoz-se que o individuo cujos restos alli se viam foi algum prisioneiro a quem deixaram morrer de fome com o seu companheiro.

Outra descoberta mais horrorosa teve tambem logar em Paris. Estando a demolir-se um edificio da *Chaussé d'Autin*, uma das ruas mais elegantes de Paris, encontraram-se nas ruinas daquella, nove cadáveres, que pelo seu estado pareciam terem sido sepultados já á annos, mas em differentes épocas: investigando-se quaes tivessem sido os moradores daquella casa de alguns annos a

esta parte, veio a conhecer-se, que aquella habitação fôra uma casa de prostituição e de jogo, e provavelmente, theatro de scenas horrorozas.

O homem sem dinheiro.

(Jorn. d'util. publ.)

Um homem sem dinheiro é um corpo sem alma, um morto ambulante, um espectro espantoso. A sua presença é triste, a sua conversação languida e fastidiosa. Se quer visitar alguém, nunca o acha em casa, e se abre a bocca para fallar, interrompem-no a cada instante, para que não finde um discurso, que temem acabe pedindo dinheiro. Fogem d'elle como se fosse empestado, e é reputado como um pezo inutil sobre a terra. Se tem talento, não o pôde produzir; se o não tem, consideram-no como o mais hediondo monstro que possa a natureza produzir, quando está de máo humor. Os seus inimigos dizem que não serve para cousa alguma, e os mais moderados a seu respeito, principiam o seu elogio alçando os hombros. Pela manhã a necessidade o acorda, e á noite a miseria o acompanha até á cama. As senhoras, acham que não tem bons modos, aquelles de quem é hospede querem que, como o cameleão, viva do ar; e seus alfaiates, que como os nossos primeiros pais, se vista de ramos de figueira. Se quer discorrer, não lhe dão attenção alguma; e se espirra ninguem faz caso d'elle: se precisa de alguma cousa das lojas dos mercadores, autecipadamente lhe pedem o pagamento; e se tem dividas passa por velhaco.

Eis aqui a figura do homem sem dinheiro.

Synopse da Legislação do primeiro semestre de 1846.

Relatorio do Ministerio da Fazenda, e propostas de Lei a que se refere. — (*Diario do Governo de 18 de Fevereiro*).

Relatorio do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — (*Diario do Governo de 23 de Fevereiro*).

Portaria de 20 de Fevereiro, mandando reprehender o professor de ensino primario do Concelho da Meda,

por falta do cumprimento de seus deveres, e advertindo: — 1.º que não lhe é livre alterar os dias da escola; 2.º que o mez d'Agosto não é feriado, e que por esse tempo os professores de ensino primario só tem de 15 a 30 dias férias; e 3.º que lhe incumbem dar exemplo de respeito para com as autoridades. — (*Diario do Governo de 28 de Fevereiro*).

Relatorio do Ministerio da Guerra. — (*Diario do Governo de 2 de Março*).

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. — (*Diario do Governo de 4 de Março*).

Portaria de 26 de Fevereiro, em que se manda a ja exonerado um sub Delegado do Procurador Regio por consistir na venda lesiva do gado lanigero, e simo, pertencente á legitima de certa orfã e menor; e que se promovam os termos de processo crime contra quem dize o fôr.

Relatorio do Ministerio da Marinha e Ultramar. — (*Diario do Governo de 11 de Março*).

Decreto de 11 de Março, em que se nomeiam para substitutos de Juizes de Direito nas Comarcas do Districto da Relação do Porto os individuos constantes da lista junta. — (*Diario do Governo de 14 de Março*).

Decreto da mesma data, nomeando os substitutos dos Juizes de Direito para as Comarcas do Districto da Relação de Lisboa. — (*Diario do Governo de 16 de Março*).

Portaria de 18 de Março, mandando suspender um Escrivão e Tabelião do Juizo de Direito de Coimbra, por haver suspeitas de ter desemcaminhado um processo crime.

Portaria da mesma data, mandando reformar o referido processo nos termos da Lei. — (*Diario do Governo de 19 de Março*).

Carta Regia de 9 de Outubro de 1845, elevando Condeixa a Nova á categoria de villa.

Relatorio, que acompanha as contas do Ministerio da Fazenda, relativas ao exercicio de 1844 a 1845. — (*Diario do Governo de 24 de Março*).

Carta de Lei de 11 de Março, elevando á categoria de villa a povoação de Margaride. — (*Diario do Governo de 27 de Março*).

Carta de Lei de 21 de Março, com a dotação da Junta do Credito Publico. — (*Diario do Governo de 28 de Março*).

Alvará de 20 de Março, approvando os estatutos da companhia — Auxilio — que tem por objecto tomar por administração ou arrendamento quaesquer casas constituídas em bens allodiaes, ou vinculados.

Portaria de 27 de Março, em que se providencia sobre as desmeligencias occorridas entre diversas povoações contiguas á raia, sobre a verdadeira demarcação da linha divizoria da fronteira. — (*Diario do Governo de 30 de Março*).

Portaria de 21 de Março, para que se comecem as obras das estradas em todas as Provincias.

Portaria de 24, 28, e 30 de Março, sobre o mesmo objecto. — (*Diario do Governo do 1.º d'April*).

Alvará de 10 de Março, confirmando a instituição da companhia de moinhos fluctuantes sobre o léjo e afluentes. — (*Diario do Governo de 3 d'April*).

Portaria de 2 d'April, em que se ordena a restituição de 30 cobertores de algodão illegalmente apprehendidos, e outras providencias a este respeito. — (*Diario do Governo de 4 d'April*).

Tratado de commercio entre S. M. F., e S. Alteza o Gram Duque de Meckemburgo Schwerin, de 11 de Fevereiro de 1845.

Carta de Lei de 7 d'April, sobre a Regencia do Reino. — (*Diario do Governo de 8 d'April*).

Decreto de 10 d'April, de perdão e commutação de penas.